

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL**

**Emília Maria de Sá Santos**

**IGREJA CRISTÃ PRIMITIVA EM JOÃO RODRIGUES: UM FATO E DIFERENTES  
INTERPRETAÇÕES**

**SÃO LEOPOLDO**

**2016**

Emília Maria de Sá Santos

**IGREJA CRISTÃ PRIMITIVA EM JOÃO RODRIGUES: UM FATO E DIFERENTES  
INTERPRETAÇÕES**

Artigo apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Especialista em História  
do Rio grande do Sul, pelo Curso de  
Especialização em História do Rio Grande do  
Sul da Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
– UNISINOS

Orientador(a): Prof(a). Dra. Eliane Cristina  
Deckmann Fleck

São Leopoldo

2016

# IGREJA CRISTÃ PRIMITIVA EM JOÃO RODRIGUES: UM FATO E DIFERENTES INTERPRETAÇÕES

Emília Maria de Sá Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo realizar um levantamento sobre a Igreja Cristã Primitiva no distrito de João Rodrigues, localizado no município de Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, e sobre as ações de seu líder, o professor Julio Ugarte Y Ugarte. Julio Ugarte chegou à localidade de João Rodrigues, em 1940, para atender a filha de um dos fazendeiros da região, o senhor João Manuel Nunes, que havia sido desenganada pelos profissionais da saúde. Com a cura milagrosa da menina, Carolina Nunes, diversos moradores da localidade se converteram à seita criada por Ugarte. Na região, foi criada uma sede para a igreja dos “quebra-santos”, nome pejorativo dado aos seguidores de Ugarte por não cultuarem a imagem de santos, vislumbrando assim, uma aproximação ao cristianismo primitivo dos tempos de Roma. O professor Ugarte, além de ser um líder religioso, também se dedicou a criação de uma empresa denominada Colonização Agrícola e Industrial. Para a realização deste projeto, Ugarte obteve terras junto ao estado na região de Palmeira das Missões e levou consigo vários moradores de João Rodrigues e dos arredores do distrito. Entre a implantação da Igreja Cristã em João Rodrigues e a realização do projeto de colonização no noroeste do estado, Júlio também teve desentendimentos com a Igreja Católica de Rio Pardo, o que motivou a implantação da capela Santa Terezinha em João Rodrigues para reconquistar os fiéis católicos. Foram realizadas pesquisas bibliográficas, algumas entrevistas com moradores da comunidade e da cidade de Rio Pardo a fim de se obter maiores informações sobre a presença dessa seita no interior deste município. Até o presente momento, os resultados da pesquisa sugerem que o professor Ugarte exercia forte influência sobre a comunidade de fiéis que orientava. As opiniões ainda divergem sobre essa figura, motivadas, principalmente, pelas dificuldades enfrentadas por aqueles que venderam tudo no distrito de João Rodrigues para seguir o professor e, de uma hora para outra, perderam seu mentor. Muitos tiveram de voltar e pedir abrigo a familiares. Mesmo assim, ainda há muito a ser pesquisado sobre esse tema. Este trabalho propõe algumas hipóteses e traz algumas considerações sobre a ação de Julio Ugarte Y Ugarte. Porém, sabemos que tais hipóteses ainda precisam ser mais aprofundadas, uma vez que faltam muitas respostas e, principalmente, fontes para respondê-las.

**PALAVRAS-CHAVE:** Quebra-santos – João Rodrigues – Colônia agrícola – Igreja Cristã Primitiva

## 1 INTRODUÇÃO

Conhecer e buscar compreender diferentes fatos da história é uma tarefa bastante interessante, porém, exige dedicação, curiosidade e, obviamente, energia para encontrarmos as diferentes fontes e nos aproximarmos das possíveis versões possíveis sobre determinado fato, visto que, é impossível a apreensão do passado em sua totalidade. Tendo em mente que a tarefa do historiador assemelha-se muito a de um investigador, porém, um investigador do

---

<sup>1</sup>Aluna do curso de Especialização em História do Rio Grande do Sul da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

passado que inquirir suas fontes e busca tirar o maior número de informações dessas evidências, tem início esse trabalho.

O tema desta pesquisa por anos permaneceu silenciado. Ninguém fala sobre os “Quebra Santos”<sup>2</sup> de João Rodrigues e, aqueles que ainda lembram deste episódio, em geral pessoas idosas que escutaram seus pais, tios e/ou vizinhos comentarem sobre o caso, ou que tiveram participação nessa seita<sup>3</sup> religiosa, dividem opiniões; alguns defendem os ensinamentos da Igreja (que existe até os dias de hoje em diferentes municípios do Rio Grande do Sul), outros esbravejam e falam ressentidos sobre o “peruano impostor que usou de má fé, para tomar os bens da população humilde de João Rodrigues”. Independente das narrativas, o fato a ser observado é que o professor Ugarte conseguiu reunir um grupo significativo de seguidores, não só de João Rodrigues, mas também das áreas ao redor do distrito e acabou atraindo tanto a admiração dos que o seguiam quanto a desconfiança dos que não aderiram a tal crença.

Deste modo, iniciamos destacando que o tema desta pesquisa refere-se à chegada do professor Julio Ugarte Y Ugarte em João Rodrigues, sua respectiva fixação nesse distrito e a saída deste religioso juntamente com seus seguidores para a criação de uma colônia agrícola comunitária na região onde hoje situa-se o município de Palmeira das Missões. O período a ser pesquisado abarca os anos de 1940 à 1949. Também faremos referência à reação realizada pela Igreja Católica com o objetivo de neutralizar as ações de Ugarte em João Rodrigues.

Inicialmente, é válido destacar as motivações que acabaram promovendo a pesquisa deste tema. Trata-se de um fato bastante peculiar e, portanto, muito sedutor para ser pesquisado. João Rodrigues é um dos distritos do município de Rio Pardo. Essa cidade é considerada uma das mais antigas do estado, correspondendo a um dos quatro primeiros municípios criados no Rio Grande do Sul, caracteriza-se pela presença portuguesa em sua fundação, por ter sua origem a partir de um aglomerado militar e pela presença, desde a sua criação, da Igreja Católica, tanto que na própria bandeira do município há a imagem de um rosário e as siglas A e M significando Ave Maria. A comunidade, em sua maioria, se auto-define como seguidora do catolicismo. Assim, imaginar que outra crença religiosa competiu com a Igreja Católica é algo muito interessante, ainda mais no contexto da década de 1940,

---

<sup>2</sup> Os integrantes da Igreja Cristã Primitiva, por não aceitarem o culto a imagens de santos e por terem quebrado imagens e queimado santinhos de papel, receberam a alcunha pejorativa de “Quebra Santos”

<sup>3</sup> Trataremos a Igreja Cristã Primitiva como seita religiosa. A palavra seita significa, de acordo com o dicionário Aurélio: 1. Opinião, seguida por um grupo numeroso, que se destaca de um corpo de doutrina principal.

2. Grupo que segue uma doutrina que deriva ou diverge de uma religião. 3. Grupo organizado que tem ideias ou causas em comum.

período em que não se havia uma abertura maior de pensamento e de liberdade de escolha da religião sob pena de represálias.

Um dos itens que também torna esse trabalho interessante é o fato de praticamente não haver pesquisas sobre esse tema. Seja pela variada oferta de temas que Rio Pardo proporciona a quem quer estudar a sua história (eventos, pessoas ilustres, festas, participação na Guerra dos Farrapos...), seja pelo esquecimento ou desconhecimento dos mais jovens, a referência à Igreja Cristã Primitiva é mínima. Na verdade, a maior parte das informações provém da história oral, das memórias daqueles que vivenciaram o fato ou das fontes primárias como o jornal *Correio do Povo*, que reúne artigos publicados pelo professor Ugarte e também matérias especiais em datas específicas realizadas por repórter destacado de Porto Alegre para cobrir o evento.

O tema também tem um significado importante para quem realiza esta pesquisa, uma vez que, alguns membros de sua família participaram da seita religiosa mudando-se, inclusive, para a região que hoje pertence ao município de Palmeira das Missões, no Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, local no qual os seguidores de Ugarte fundaram uma colônia agrícola baseado no trabalho comunitário. Deste modo, justifica-se a necessidade de um olhar mais cuidadoso sobre o tema sem acusações ou preconceitos em relação a este fato, a fim de se compreender melhor o que ocorreu em João Rodrigues. A pesquisa tem por objetivos conhecer a história da Igreja Cristã Primitiva e de seu criador, o professor Júlio Ugarte Y Ugarte e verificar, através dos documentos encontrados, quais as características que a seita, possuía, bem como, suas peculiaridades. Visa, também, conhecer os aspectos religiosos da seita e o modelo de colônia religiosa agrícola que foi implantado com os fiéis no território do atual município de Palmeira das Missões, motivo que levou diversos moradores do distrito de João Rodrigues a venderem suas terras e a se mudarem para aquela região. A realização dessa pesquisa também busca conhecer, através dos relatos de antigos moradores da cidade de Rio Pardo e do distrito de João Rodrigues, quais lembranças permaneceram daquela época sobre a igreja e sobre os seus seguidores.

Considerando a temática da pesquisa, cabe ressaltar que alguns eventos como a Revolta de Canudos na Bahia e a Guerra do Contestado em Santa Catarina, que contaram com a presença de líderes religiosos e que se tornaram conflitos político-religiosos já foram alvo de diversas pesquisas e ainda hoje intrigam muitos pesquisadores. No caso do Rio Grande do Sul, houve uma forte presença desses líderes religiosos de caráter messiânico, como o movimento religioso denominado Mucker, que ocorreu no interior do estado entre os descendentes de alemães que viviam na região do Morro Ferrabraz. O movimento foi

duramente reprimido e logo se criou quase que uma espécie de receio de se falar do tema pelo modo como os fatos se desenvolveram ao longo do transcorrer do tempo.

O estado contou ainda com a presença de um movimento liderado por monges barbudos, e que teve lugar no interior dos municípios de Soledade e Sobradinho. Os líderes religiosos e seus seguidores foram tidos como comunistas e fanáticos, sendo que grande número deles foi perseguido, preso e até morto. O interessante é que esse fato ocorreu cerca de dois anos antes de o professor Ugarte chegar ao distrito de João Rodrigues. Vejamos a descrição sobre o assim denominado Massacre do Fundão:

Nos anos de 1937 e 1938 ocorre na região denominada fundão, interior dos municípios de Sobradinho e Soledade, o surgimento de uma seita religiosa, lá alguns agricultores elegeram um servo de Deus como esperança para suas tristes e miseráveis vidas. Essa seita, cujo ‘fanatismo’ apavorou a região inteira e desencadeou episódios sangrentos, provocando enganos, suspeitas ou pretextos de comunismo e envolveu missões especiais de repressão, ordenadas pelas lideranças estaduais. (PEREIRA, A.; WAGNER, A. C., 1981, p.15)<sup>4</sup>

A ação empreendida pelas autoridades para combater os seguidores do monge João Maria foram violentas e reuniram forças de diferentes cidades da região, inclusive pelotões de Santa Maria e Santa Cruz do Sul. Fruto da ignorância dessas autoridades e do contexto em que a mesma estava inserida, implantação do Estado Novo, muitos de seus seguidores foram tidos como fanáticos e comunistas.

Prosseguindo com a temática sobre a presença de monges no Rio Grande do Sul também encontramos o registro de um deles na obra de Alexandre Karsburg: “*O Eremita das Américas: a odisseia de um peregrino italiano no século XIX.*”<sup>5</sup> Nessa tese de doutorado, Alexandre mapeou a trajetória de um monge desde sua chegada ao estado, seus milagres, os problemas enfrentados pelo mesmo com as autoridades até vir a falecer nos Estados Unidos. É válido destacar que o mesmo monge estudado por Alexandre passa por Rio Pardo e, após um sermão violento em frente à Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, ele é expulso da cidade por um membro da família Andrade Neves. O fato virou lenda, “A lenda do Monge do Botucaraí”, e até hoje é passada de geração para geração. Há uma passagem da lenda que cita que ao sair da cidade o monge rogou uma praga, dizendo que Rio Pardo não prosperaria enquanto algum membro da família Andrade Neves nela vivesse.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> PEREIRA, André; WAGNER, Carlos Alberto. *Monges Barbudos & o massacre do Fundão*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

<sup>5</sup> KARSBURG, Alexandre. *O Eremita das Américas: a odisseia de um peregrino italiano no século XIX*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2014.

<sup>6</sup> REZENDE, Marina de Quadros. *Rio Pardo – História, Recordações, Lendas*. Rio Pardo, 1993.

Além da bibliografia que trata sobre a temática, também foram utilizadas algumas fontes primárias, como a Ata da Igreja Nossa Senhora do Rosário de 1942, que descreve a necessidade da criação de uma Igreja católica na comunidade de João Rodrigues; alguns textos escritos por Ugarte e divulgados no jornal Correio do Povo entre os anos de 1939 e 1949, além de reportagens realizadas por jornalista enviado pelo jornal Correio do Povo sobre a Igreja, a religião, as curas milagrosas em João Rodrigues e também sobre o desencarne de Júlio Ugarte. Utilizaremos também algumas entrevistas, recorrendo à metodologia da história oral, a fim de levantar quais as lembranças que permaneceram, apesar do transcorrer do tempo, em algumas famílias que tiveram parentes seguidores da doutrina religiosa em questão.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: inicialmente, tratar-se-á sobre a cidade de Rio Pardo e, especificamente, sobre o distrito de João Rodrigues, origens, características, semelhanças e diferenças com relação ao que eram esses ambientes na década de 1940 e o que se tem nos dias atuais. É válido lembrar que Rio Pardo já foi um dos principais municípios do estado e que João Rodrigues, pacato e quase esquecido no tempo, já foi em outros períodos um polo bem movimentado, contando com estação de trem, correios, cartórios e um vilarejo bem consistente para o período (entre os anos trinta e quarenta).

O segundo tópico deste trabalho refere-se à análise das características da Igreja Cristã Primitiva, suas origens, principais crenças e o culto. Para seu desenvolvimento, foram utilizados obras e artigos localizados sobre a temática e o material produzido por Júlio Ugarte y Ugarte, bem como os artigos para o jornal Correio do Povo que tratam sobre a mudança de João Rodrigues para Palmeira das Missões objetivando a criação da comunidade agrícola.

No terceiro, apresentamos e analisamos as memórias que restaram sobre esse evento de João Rodrigues. Estas memórias, colhidas junto à comunidade através da entrevista, especialmente com moradores idosos que viveram aquele período ou com familiares que têm lembranças graças àquilo que os pais e parentes contaram é um material rico para tentarmos entender por que o evento ainda divide opiniões no município.

Diante do exposto até aqui, pode-se perceber que o trabalho exigiu boa dose de espírito investigativo, uma vez que o tema, além de inédito provocou diferentes sentimentos em relação aos fiéis de “quebra-santos” na sociedade daquela época, como as estórias e, especialmente, o silêncio sobre o evento parecem confirmar. Vasculhemos o passado e vejamos o que dele podemos colher.

## 2 AS AÇÕES DA IGREJA CRISTÃ PRIMITIVA NO MUNICÍPIO DE RIO PARDO

### 2.1 A cidade de Rio Pardo e a localidade de João Rodrigues

Rio Pardo, uma das cidades mais antigas do Rio Grande do Sul, está situada na região central do estado, possui uma população de aproximadamente quarenta mil habitantes, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O município tem sua renda baseada na agricultura (soja, arroz, tabaco, milho), pecuária, algumas indústrias e comércio. Quem visita o município, logo se encanta com o ar de cidade pacata, do interior, e, nem de longe, imagina que está conhecendo um dos municípios mais importantes do estado do Rio Grande do Sul no passado.

#### Imagem 1: Localização do município de Rio Pardo no estado do Rio Grande do Sul



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio\\_Pardo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Pardo)

Rio Pardo não surgiu como um espaço pensado e planejado, nasceu da disputa de portugueses e espanhóis por territórios. O início de sua história remonta à segunda metade do século XVIII, quando o general Gomes Freire de Andrade e seus soldados receberam a incumbência de fazer cumprir o que havia sido firmado na assinatura do Tratado de Madri entre Portugal e Espanha, em 1750. De acordo com o professor Vogt, esse tratado determinava a entrega da Colônia do Sacramento (portuguesa) para os espanhóis e a saída dos espanhóis dos Sete Povos das Missões para entrega do território missioneiro aos lusos. Com a chegada de Andrade na região, o mesmo se deparou com uma área pouco ocupada. À medida que o general avançava para o interior do território e se afastava de Rio Grande, era evidente a necessidade da construção de um espaço de defesa. Assim, quando ele chegou à altura do rio Pardo, percebeu se tratar de um espaço propício à formação de um acampamento e, ali, junto de seus soldados, criou então o Forte Jesus, Maria, José.



O forte resistiu a, pelo menos, três tentativas de invasão. A primeira investida foi por parte dos índios missioneiros em 1754.<sup>7</sup> As outras duas tentativas de conquista foram feitas pelos espanhóis, a primeira em 1763, e a segunda em 1776. Das vitórias obtidas, surgiu a denominação de “Tranqueira Invicta” para a então fortaleza que resistira mesmo com a investida de inimigos tão audaciosos, e transformou Rio Pardo, num importante ponto de ocupação e resistência lusa em território majoritariamente espanhol e indígena.

Entre o final do século XVIII e início do século XIX, Rio Pardo se destacava pela atividade comercial e pela realização da agricultura. Consistia num importante entreposto que, beneficiado pela navegabilidade do rio Jacuí, ligava a capital à região missioneira, campanha e campos de cima da serra. O historiador Moacyr Flores salienta:

Rio Pardo era um ponto central de chegada e redistribuição de mercadorias. Suas casas comerciais eram ponto de partida das tropas de mulas, comboios de carretas e tropas de gado. Como posto avançado de fronteira, a localidade passou a atrair uma série de negócios, entre os quais venda de escravos, linhas de carretas, aluguéis de carretilhas e grandes armazéns que revendiam para as bodegas ou bolichos da Campanha, Missões e Campos de Cima da Serra uma série de produtos como sal, açúcar, vinho, aguardente, fumo, ferramentas, velas, louças inglesas, tecidos, móveis e utensílios domésticos. (FLORES, 1990)<sup>8</sup>

De espaço fronteiriço, Rio Pardo passou a constituir importante local de passagem de tropeiros, viajantes e negociantes da região. Sua posição privilegiada junto ao rio Jacuí, bem como a proximidade com a região da campanha, em comparação à capital do estado, fazia do município um importante elo que unia a região mais ocupada com o interior do estado. Ainda é válido destacar da citação anterior, a presença do escravo negro em território gaúcho, mais especificamente em Rio Pardo. A cidade contava, sim, com a mão de obra escrava, para “tristeza” de muitos autores que defendem que esse município estava livre da presença escrava. Não foram, portanto, apenas os casais açorianos ou os lusos que formaram esse espaço.

Devido a sua importância dentro do espaço rio-grandense, em 1809, quando são criados os primeiros municípios do estado, Rio Pardo conquista tal posto, assim como Porto Alegre, Rio Grande e Santo Antônio da Patrulha. O município crescia e dava mostras de um futuro promissor. Porém, entre os anos de 1835 e 1845, o Rio Grande do Sul foi atravessado

---

<sup>7</sup> Esse evento, resultado da resistência indígena em abandonar o território referente aos Sete Povos das Missões, que passaria a ser português, foi representado na obra “Uruguai”, de Basílio da Gama, de acordo com a professora e historiadora Silvia Barros.

<sup>8</sup> FLORES, Moacyr. História do Rio Grande do Sul. 3. ed. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1990.

pela Revolução Farroupilha e várias cidades, além de Porto Alegre, também entraram no conflito, dentre as quais se encontra Rio Pardo.

Apesar de o momento ter sido marcante, tanto para imperialistas, como para os rebeldes, a guerra trouxe graves consequências para o município de Rio Pardo. Mesmo sendo elevado à categoria de cidade em 1836, o município entrou em decadência após os dez anos de conflito da Revolução Farroupilha, como destacou Ramos (2010, p. 436). Avé-Lallemant (1980, p. 156-157) também testemunhou a estagnação de Rio Pardo, ele relata que a decadência do município se deu principalmente pelo desenvolvimento da navegação a vapor pelo rio Jacuí, o que facilitava o deslocamento e as compras da população, na capital. Seja por motivos bélicos ou econômicos, a verdade é que depois de 1845, o município entrou em processo de estagnação. Enquanto outros municípios surgiam, muitos deles, inclusive desmembrados do território rio-pardense, e investiam em indústrias e outros meios de geração de renda, Rio Pardo amargava perdas e continuava tendo sua economia baseada no setor primário: agricultura e pecuária.

Outro aspecto a ser mencionado, eram as festas religiosas muito presentes na cidade, principalmente, pela tradição e pelas crenças trazidas pelos portugueses. Vogt destaca que:

As tradições católicas europeias, especialmente portuguesas, sempre foram fortes em Rio Pardo. Algumas festas são mantidas até hoje. O maior exemplo é a Semana Santa que, além da religiosidade, movimentava a cultura e o turismo do município. Conforme o padre Orlando Pretto, que por anos atuou em Rio Pardo, a tradição veio com os portugueses em 1762 e, desde então, nunca deixou de existir. Em 1960, através de Biágio Tarantino, em comum acordo com a Igreja Católica, a celebração ganhou uma dimensão maior e passou a unir religiosidade, arte e cultura. A Festa do Divino, que acontece 50 dias depois da Páscoa, também é tradição portuguesa e teve grande apoio do padre Thomaz Broggi. Entre suas características, estava a soltura de um preso e a oferta de comida grátis aos pobres. Com a morte do padre, a festa perdeu sua força. Em 1963, o padre Pretto assumiu a paróquia e buscou retomar a tradição. Em 1974, a partir de entendimento com o Judiciário, foi novamente solto um preso. Outra festa religiosa tradicional em Rio Pardo é a de Corpus Christi. As ruas eram decoradas para a passagem da procissão. (VOGT, 2008, p. 13)<sup>9</sup>

Como ficou descrito na citação acima, muitas das festas religiosas festejadas no início da história de Rio Pardo, ainda são realizadas até os dias de hoje. Os festejos referentes à Semana Santa envolvem ações da igreja (missas, procissões do Senhor Morto...), também envolvem um grupo de teatro com atores da própria cidade que encena a paixão e morte de Cristo. Com relação às comemorações de Corpus Christi, muitas famílias ainda se reúnem

---

<sup>9</sup> VOGT, Olgário (coordenador) *Rio Pardo, 200 anos, uma luz para a história do Rio Grande*. Santa Cruz do Sul: Gazeta do Sul, n° 9, nov. 2008.

para confeccionarem os belíssimos tapetes de serragem colorida que embelezam as ruas da cidade.

Outras duas festas importantíssimas no calendário rio-pardense são as de Nossa Senhora do Rosário e a de Nossa Senhora dos Navegantes. Nossa Senhora do Rosário é a padroeira de Rio Pardo, sua festa é realizada junto ao dia do município: sete de outubro. As comemorações ocorrem desde 1769. A santa tem um papel fundamental na história da cidade, sendo, inclusive, mencionada na bandeira do município. Observe as imagens abaixo:

**Imagem 2: Bandeira do município de Rio Pardo – no detalhe o Brasão do município.**



Fonte: <http://www.riopardo.rs.gov.br/site/home/pagina/id/131/?Simbolos.html>

Se observarmos as representações inscritas na bandeira, veremos, inicialmente, o Forte Jesus, Maria, José. Abaixo uma referência ao Regimento dos Dragões e, para finalizar, um rosário contendo ao centro as iniciais “A” e “M”, simbolizando “Ave Maria”. De acordo com a obra de Marina Rezende, há uma história envolvendo a escolha desta padroeira para o município. A mesma refere-se a um religioso que estava acampado junto com os soldados de Gomes Freire, no Forte Jesus, Maria, José. Certa noite, sentindo muito calor e não conseguindo dormir, o religioso resolveu levantar-se para caminhar na rua enquanto orava à sua santa protetora, Nossa Senhora do Rosário. Enquanto caminhava, aos arredores do forte, percebeu a aproximação de um barco suspeito no rio e voltou para avisar os soldados. Era uma embarcação espanhola, de imediato, os soldados se organizaram e conseguiram repelir o inimigo. Conta-se que, desde esse dia, Nossa Senhora do Rosário foi escolhida como protetora do Forte e, posteriormente, do município de Rio Pardo.

Como pode-se perceber através das descrições acima, a história do município de Rio Pardo está imbricada na tradição lusa. Muitas das características presentes no município, na culinária, festas, arquitetura, expressões e nos próprios sobrenomes das famílias que nele residem expressam essa influência.

Se tais elementos ficam expressos na cidade, a zona rural do município não é diferente. Rio Pardo divide-se em distritos, sendo que neste trabalho destacaremos o distrito de João Rodrigues, no qual se instalou a Igreja Cristã Primitiva e de onde várias famílias saíram para dar início a Colônia Agrícola e Industrial na região noroeste do estado. Sobre a origem do distrito, o professor Olgário Vogt afirma:

A localidade de João Rodrigues existe desde a vinda de casais açorianos para Rio Pardo. Alguns desses casais, segundo o escritor Sólton Macedônia Soares, se estabeleceram na região onde hoje é João Rodrigues. O capitão-mor Joaquim Rodrigues Prates, descendente de açorianos, teria emprestado seu nome à localidade. (VOGT, 2008, p. 10)

O distrito, espaço inicialmente pontuado por fazendas criatórias de gado, ganhou visibilidade econômica com a presença da estação férrea que gerava o fluxo de passageiros e carga na linha que ligava Santa Maria e Porto Alegre. Ao redor dessa estação formou-se uma vila com cartório civil, linha de telégrafos, armazéns, espaço para a realização de bailes, escola e outros. É nessa região que o professor Ugarte vai iniciar suas pregações e, junto com alguns membros da comunidade, irá construir o prédio do templo São Pedro da Igreja Cristã Primitiva.

João Rodrigues, atualmente, não lembra em nada aquele espaço. A estação férrea foi desativada e, com ela, o progresso da vila também foi embora. Hoje, no local, existem apenas algumas casas de moradia, lavouras e um outro espaço que se tornou significativo para a comunidade, a capela de Santa Terezinha, construída em 1945, em repesália à seita defendida por Julio Ugarte Y Ugarte.

## 2.2 A Igreja Cristã Primitiva em João Rodrigues

A título de apresentação, diremos que o Professor Ugarte não apresenta exterioridades que justifiquem a extraordinária potência psíquica de que somos, agora, testemunhas. A sua aparência é simples e de sua palestra é fácil deduzir um profundo conhecimento de assuntos religiosos, sempre abordados pausadamente, como se pretendesse pesar e medir cada uma das palavras que pronuncia com acentuado sotaque castelhano. (Jornal Correio do Povo, 15 de fev. de 1942)<sup>10</sup>

Sem qualquer exterioridade digna de nota, o criador da 'Igreja Cristã Primitiva', - tal é o título da nova seita - é um homem de estatura mediana e expressão cheia de serenidade. (Jornal Correio do Povo, 23 de nov. de 1941)<sup>11</sup>

É comum as comunidades se reunirem no interior deste estado e festejarem, em certos meses, o seu santo protetor. João Rodrigues, pequeno distrito do interior de Rio Pardo, na região central do estado não é diferente. Todos os anos, no mês de abril a comunidade se

---

<sup>10</sup> Biblioteca da Unisinos – Acervo de Coleções Especiais. Jornal Correio do Povo, 15 de fev. de 1942

<sup>11</sup> Biblioteca da Unisinos – Acervo de Coleções Especiais. Jornal Correio do Povo, 23 de nov. de 1941

envolve com os festejos em homenagem à Santa Terezinha. Há procissão, missa, almoço, danças e festejos que duram o dia inteiro. Quem promove tais festejos nem lembra que um peruano de fala mansa andou por esta região e defendeu outra forma de manifestação religiosa. Adorado por uns, renegado por outros, o professor Ugarte propunha uma nova forma de ser e de agir para a comunidade e, devido ao seu poder de cativar as pessoas, logo a Igreja Católica pensou ter um inimigo, mandando assim seus fiéis resistirem e trabalharem em prol da construção da capela de Santa Terezinha para que não ficassem à mercê daquele “intruso”.

Para começarmos a análise que nos propusemos a fazer, alguns elementos são importantes. A começar pela seguinte questão: como o peruano descrito pelo jornalista do Correio de Povo “sem qualquer exterioridade digna de nota” chegou a João Rodrigues? Que elementos possibilitaram a fixação desse religioso nessas paragens? Como eram as reuniões que esse grupo realizava? E, finalmente, como a Igreja Católica se organizou para retomar os fiéis convertidos à nova seita? Estes serão os principais pontos a serem tratados nesse texto.

Júlio Ugarte Y Ugarte nasceu em Lima, no Peru, em 1890, estudou em um colégio jesuíta, no qual concluiu sua formação no Curso de Humanidades. Por interesse próprio, Ugarte passou a realizar um estudo comparativo das religiões cristãs que existiam em sua época. E isso fez com que ele percebesse que os rituais e práticas das religiões não operavam em sintonia com os ensinamentos de Cristo. Passou a ler e estudar a Bíblia, especialmente, o Novo Testamento. Viajou aos Estados Unidos a fim de obter formação profissional e, junto aos estudos, se dedicou às pesquisas de cunho religioso, participando de diversas sociedades teosóficas norte-americanas, pois visava compreender as verdadeiras práticas do Cristianismo Primitivo.

Entre as diversas viagens que realizou e, com o aprofundamento de seus estudos, Ugarte resolveu criar uma sociedade que discutisse os ensinamentos de Cristo. Tentou duas vezes, tanto na Argentina, quanto no Uruguai, mas não teve sucesso. Em 1926, Ugarte desembarca no porto de Rio Grande e, ali, inicia suas atividades reunindo grande número de adeptos. De Rio Grande, o professor segue para Porto Alegre e, na capital, também cativa diversos seguidores, sendo que a dezessete de agosto de 1937, acompanhado de um certo número de seguidores, fundou a Sociedade de Filosofia Transcendental - Escola de Iniciação Cristã, com sede na cidade de Porto Alegre. Os objetivos desta Sociedade, conforme o próprio Ugarte relatou mais tarde em artigo publicado no jornal Correio do Povo, eram os seguintes:

A finalidade principal da sociedade que oriento é a organização da Igreja Cristã Primitiva, tendo como fundamento o Evangelho de Cristo, que ensina a Doutrina de Obediência à Vontade Divina e aos Seus Estatutos. (...) A Doutrina de Obediência a

Deus é essencialmente uma prática interna, espiritual, em que os adeptos, em todos os seus atos, fazem - não a sua vontade pessoal, - mas a Divina. (...) As finalidades imediatas da Doutrina são as seguintes: Reunir, dentro de um laço indissolúvel de fraternidade, pessoas de ambos os sexos, sem distinção de nacionalidade, cor ou posição social, que aceitem a Doutrina de Obediência a Deus; difundir pela palavra falada e escrita, o Primitivo Culto Cristão e, finalmente, promover o aperfeiçoamento moral de seus adeptos e da humanidade, pelo combate ao fanatismo, ao vício e ao crime (Jornal Correio do Povo, 23 de nov. de 1941)<sup>12</sup>

Dentre os membros que faziam parte da primeira diretoria da Sociedade, constam nomes importantes,<sup>13</sup> tais como: na função de fundador, Julio Ugarte Y Ugarte; como presidente, o tenente Julio Castilhos Maciel Cesar; e, na função de vice-presidente, João Rodrigues Louzada Júnior. O professor Vogt (2008, p. 8) comenta sobre a participação de João Rodrigues Louzada Júnior na Igreja:

Em meados do século passado, João Rodrigues foi sede de uma seita que ficou conhecida como quebra-santos. A seita, na verdade, era um braço da Sociedade de Filosofia Transcendental – Escola de Iniciação Cristã, fundada em 17 de agosto de 1937 pelo professor peruano Julio Ugarte y Ugarte, nascido em 23 de julho de 1890, em Lima. Formado em Humanidades em um colégio de jesuítas, ele passou a questionar as religiões cristãs que, no seu entender, não operavam em sintonia com os ensinamentos de Jesus Cristo. Ugarte desembarcou no Porto de Rio Grande em março de 1926, iniciando sua peregrinação em solo gaúcho. Em Porto Alegre, fundou a Sociedade de Filosofia Transcendental – Escola de Iniciação Cristã, que tinha, entre seus objetivos, difundir o primitivo culto cristão. Na primeira diretoria constava o nome de João Rodrigues Louzada Júnior, natural de Estação João Rodrigues, como vice-presidente. (VOGT, 2008, p. 10)

No início de 1940, Ugarte foi chamado com urgência ao distrito de João Rodrigues para atender a filha do fazendeiro João Manuel Nunes. A moça, de nome Carolina, com trinta e seis anos, estava gravemente enferma e fora desenganada pela ciência médica oficial. O convite a Ugarte foi formalizado através de João Rodrigues Louzada Júnior. Ugarte, que estava no Rio de Janeiro, tomou um avião, com passagem paga pelo fazendeiro, e veio a Porto Alegre. De trem, deslocou-se a João Rodrigues onde, com o poder de suas orações, teria curado Carolina. Este fato também foi narrado desta maneira pelo Jornal Correio do Povo

A preferência que o Professor Ugarte y Ugarte deu a João Rodrigues para difundir a sua doutrina nasceu do interesse que a família do fazendeiro João Manoel Nunes manifestou nesse sentido, quando teve salva uma filha, que vivia sob uma depressão nervosa impressionante. Trata-se de d. Carolina Teixeira Nunes, que, dum momento para outro, começou a sentir os reflexos de uma doença nervosa, que se agravou rapidamente a ponto de ser a enferma trazia para esta capital num carro especial da Viação Férrea.

Em Porto Alegre, os pais de d. Carolina, por intermédio de informações de pessoas amigas, souberam que o professor Ugarte y Ugarte, que se encontrava no Rio de Janeiro, por meio de sua potência psíquica, já havia curado outras pessoas afetadas pelo mesmo mal. O senhor João Manoel Nunes, para salvar sua filha não aguardou outros conselhos: mandou buscar de avião o Professor Ugarte no Rio e,

---

<sup>12</sup> Biblioteca da Unisinos – Acervo de Coleções Especiais. Jornal Correio do Povo, 23 de nov. de 1941.

dias depois, d. Carolina, com o tratamento a que foi submetida no terreno espiritual, estava completamente curada. (Correio do povo, 1944, 13 de fev. de 1944)<sup>11</sup>

Esta cura desencadeou, nas pessoas da região, tanto a curiosidade quanto a desconfiança, fazendo com que elas acorressem à casa dos Nunes para conferir, com seus próprios olhos, o que havia acontecido. Ao ver a jovem curada, muitas pessoas começaram a visitar a casa dos Nunes levando consigo familiares e amigos, além, obviamente, de doentes para serem curados pelo professor Ugarte.

Por ser uma pessoa muito conhecida na região, a notícia da cura da filha de João Manuel Nunes se espalhou rapidamente. A partir de então, outras curas se sucederam e, em pouco tempo, João Rodrigues se transformou em um grande centro de irradiação da doutrina de Ugarte. Centenas de pessoas converteram-se à doutrina da Obediência à Vontade de Deus. O grande número de convertidos fez surgir em João Rodrigues, a fevereiro de 1940, o Templo São Pedro, onde os fiéis passaram a se reunir para ouvir a palavra de Deus, a partir dos ensinamentos da doutrina de Ugarte.

### **Imagem 3: Templo São Pedro em João Rodrigues – Foto do dia 09 de fevereiro de 1942**



Fonte: Banco de Dados da Igreja Cristã Primitiva

Em uma carta escrita a um dos seus seguidores, denominado Manoel Annes da Silva Sobrinho, Ugarte refere-se à conclusão da construção do templo São Pedro. Vejamos:

Rio Grande, 17 de outubro de 1940

Irmão Annes

Participo-lhes que recebi, ontem, carta da Estação de João Rodrigues (Rio Pardo), avisando-me ter-se terminado a construção do templo, que erigiu ali, o Ramo São Pedro da Sociedade de Filosofia Transcendental. Este é o primeiro templo dos servos da Obediência a Deus, depois de tantos séculos. A inauguração me avisam que se efetuará a 25 do presente mês, se é assim a Vontade de Deus. Convidaram-me para este ato, mas creio que, para essa data não poderei estar lá; são dois dias de viagem; daqui a Porto Alegre por vapor um dia, e por trem várias horas.

---

<sup>11</sup> Biblioteca da Unisinos – Acervo de Coleções Especiais. Jornal Correio do Povo, 13 de fev. de 1944.

Nesse lugar, como em Porto Alegre, nestes últimos meses, têm aparecido novos irmãos; só aqui em Rio Grande é onde toda atividade espiritual está paralisada; a gente inconstante deste povo me faz ver que não compreenderam a Verdade; mais se preocupam com as coisas do mundo... Julio Ugarte y Ugarte. (Banco de Dados da Igreja Cristã Primitiva)

Na localidade de João Rodrigues, porém, alguns eventos colocaram em perigo a nova doutrina que se estabelecia. Um dos preceitos da Igreja Cristã Primitiva era o não culto a imagens de santos. Como a seita criada por Ugarte tentava restabelecer os princípios do Cristianismo Primitivo, um dos preceitos defendidos era exatamente a negação à adoração de ídolos. Sobre esse tema, consultamos a obra *O Cristianismo Primitivo* de Pellistrandi. Nela, o autor destaca que:

No ponto que se encontra hoje a nossa documentação, não conhecemos entre os cristãos nenhuma representação figurativa, pintada ou esculpida, que seja anterior ao século III: a Igreja, portanto, parece haver esperado 200 anos para conseguir expressar-se através de imagens. (PELLISTRANDI, 1978, p. 154)<sup>14</sup>

O autor ainda destaca que o não uso de imagens nos primeiros anos após a criação do cristianismo primitivo teve diversos motivos. Alguns deles eram de ordem econômica, visto que, os primeiros seguidores do cristianismo eram, geralmente, escravos ou homens livres de condição humilde, trabalhadores dos portos ou artesãos; também refere-se à situação de clandestinidade que esses primeiros grupos viviam, de modo a não se interessarem pela criação artística; outro quesito seria a não utilização de imagens devido à ideologia que funcionou como freio, essa elite intelectual durante longo tempo manifestou uma hostilidade de princípios contra as formas de arte, consideradas como um produto da civilização pagã, difíceis, senão impossíveis, de serem cristianizados. (PELLISTRANDI, 1978)

A ideia do não culto à imagem de santos chocou alguns moradores de João Rodrigues acostumados a terem imagens esculpidas ou em papel em suas casas como forma de proteção. A situação ficou mais séria quando alguns seguidores da Igreja Cristã aconselharam os demais a destruírem as imagens de santos que tinham em casa. Algumas pessoas levavam suas imagens em gesso, papel e madeira para uma espécie de forno, e lá quebravam e colocavam fogo nas mesmas.

Essas ações acarretaram uma imediata reação da comunidade católica, tendo à frente o vigário da região, o padre Thomaz Broggi, e, daí, uma sistemática e ferrenha perseguição à Igreja e aos seus fieis. Passado algum tempo, os ânimos acalmaram-se e a paz e a prosperidade voltaram a reinar no seio da Igreja Cristã Primitiva.

---

<sup>14</sup> PELLISTRANDI, Stan-Michel. *O cristianismo primitivo*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1978.



Outro elemento a ser destacado sobre a Igreja Cristã Primitiva foi o destaque que a mesma teve em algumas edições do jornal *Correio do Povo*. Diversas matérias circularam nesse veículo de informação, entre eles, artigos escritos pelo próprio Júlio Ugarte, além de informativos especiais realizados por repórter destacado de Porto Alegre para cobrir determinados eventos. O jornal *Correio do povo*, criado em 1 de outubro de 1895, pretendeu ser o primeiro diário gaúcho apertado, independente e voltado somente aos interesses dos leitores e da comunidade. Por não defender nem o branco dos pica-paus, nem o vermelho dos maragatos, foi chamado de róseo.<sup>15</sup>

Uma das primeiras entrevistas concedidas por Julio Ugarte, denominada *A Obediência a Deus como Princípio*, possibilitou uma explanação sobre os fundamentos da Igreja Cristã Primitiva. Nesta entrevista, ele declarou:

A finalidade principal da sociedade que oriento é a organização da Igreja Cristã Primitiva, tendo como fundamento o Evangelho de Cristo, que ensina a Doutrina de Obediência à Vontade Divina e aos Seus Estatutos.

Somente admitimos como adeptos as pessoas que renunciam à sua vontade pessoal para sujeitar-se à de Deus, Único Senhor de todas as coisas. Fazemos, assim, a unificação da vontade humana em torno da Lei Divina.  
[...]

A Doutrina de Obediência a Deus é essencialmente uma prática interna, espiritual, em que os adeptos, em todos os seus atos, fazem - não a sua vontade pessoal, - mas a Divina.

Segundo o conselho evangélico, procuramos não fazer a vontade dos pensamentos, nem os desejos da carne, porque os anulamos em sua origem; tudo se faz simplesmente pela Vontade de Deus. Anulamos as causas secundárias, pela unificação completa com as primárias, porque nem sempre os motivos aparentes são os mais poderosos. (*Correio do Povo*, 23 nov de 1941)

Como podemos perceber, o professor Ugarte relata a simplicidade que caracterizava sua doutrina, na qual os fiéis deveriam obedecer somente aquilo que seria a vontade de Deus. Ainda na mesma entrevista, o líder religioso explica o que caracterizava o culto e quais eram os rituais realizados dentro da Igreja Cristã Primitiva, citando, inclusive, sua semelhança com o culto protestante:

O nosso culto externo (...) difere dos demais e somente é possível encontrar alguma semelhança com o realizado nas igrejas protestantes, se admitirmos, a mais, os fenômenos de vidência e audição. Não invocamos espíritos, o que não impede que aceitemos a possibilidade das manifestações espíritas. Em nossas reuniões, somente oramos o "Pai Nosso", única oração ensinada por Cristo, Único Espírito que podemos invocar, porque "Quando duas ou mais pessoas se reunirem em Meu Nome, Eu estarei no meio delas".

Procuramos desenvolver em cada um de nós o "Cristo Interior", mediante a prática da Obediência a Deus, e desenvolver o nosso poder de ver e ouvir espiritualmente, como nos primitivos tempos do Cristianismo, quando todos os cristãos, segundo diz o Evangelho, eram videntes e auditivos.

---

<sup>15</sup> Origem e trajetória do *Correio do Povo* se entrelaçam com a história do Rio Grande. Disponível em: <http://www.cpovo.net/jornal/especiais/cpespecial/PDF/Fim08.pdf>. Acesso em 29 de set de 2016

[...]

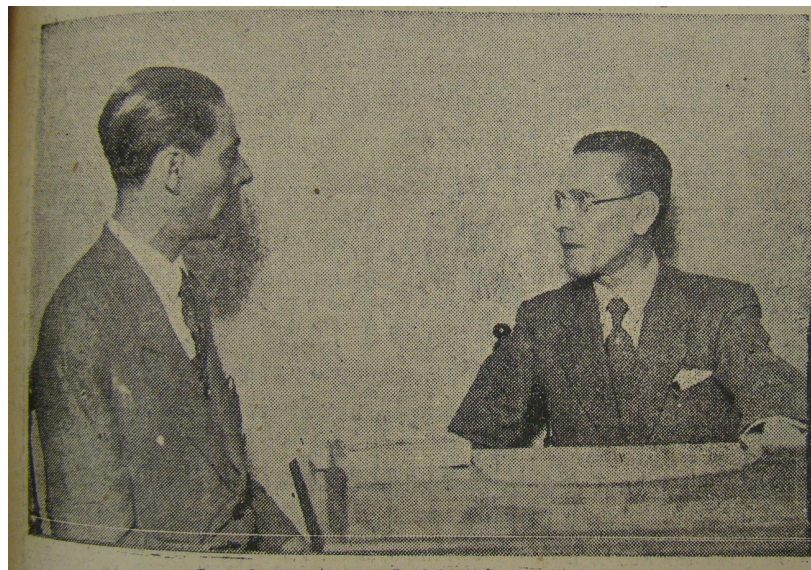
Não adoramos imagens porque, estando Deus presente em toda a parte, não precisamos recorrer à adoração de ídolos feitos pela mão humana e, principalmente, obedecendo o preceito evangélico: "Não adorarás imagem alguma, senão ao Senhor teu Deus, em Espírito e em Verdade."

Praticamos, mas, espiritualmente, a Comunhão ou Eucaristia, porque "Deus dará de Seu 'Espírito' aos que Lhe obedecem".

Os novos adeptos recebem a Confirmação, depois de certo tempo de prática da Obediência a Deus, segundo Sua Vontade expressa no Evangelho. O Batismo também é feito de forma espiritual, só pode ser realizado em pessoas adultas e conscientes. Não o fazemos com água, porque os Apóstolos o fizeram com o 'Espírito Santo'. O Batismo de Jesus, feito com água, não foi mais que simbólico; mesmo porque Ele já recebera o Espírito Santo, quando menino. Em nosso templo, admitimos somente a Cruz, como símbolo da fé. Aceitamos a reencarnação, como base fundamental da Justiça Divina. (Correio do Povo, 23 nov de 1941)

Alguns relatos de pessoas que frequentam a Igreja Cristã Primitiva na atualidade, confirmam as características referidas pelo professor Ugarte nesta entrevista, sendo que um deles é a adoção do Pai Nosso como a única oração realizada pelos fiéis. Abaixo, vemos a imagem do professor Ugarte (à direita), concedendo entrevista ao repórter do jornal Correio do Povo.

**Imagem 4: Julio Ugarte Y Ugarte em entrevista ao jornal Correio do Povo**



Fonte: Jornal Correio do Povo, 23 de novembro de 1941

Um ano depois da realização da entrevista acima referida, novamente a equipe do jornal Correio do Povo se envolve com as ações da Igreja Cristã Primitiva. Desta vez, um repórter é destacado até a localidade de João Rodrigues e, lá, pôde presenciar as diversas curas que o senhor Ugarte estava realizando. Além de proferir seus cultos, diversas pessoas se diziam curadas de enfermidades incuráveis apenas com o toque do religioso. Na matéria

intitulada “*Mais de Uma Centena de Curas Extraordinárias: A fé volta a fazer milagres*” encontramos mais informações:

[...] A chegada do Professor Ugarte movimentou o vilarejo. De momento em momento, a palestra, já generalizada, era interrompida pela chegada de adeptos da Igreja Cristã Primitiva, apresentando boas vindas ao seu orientador. E aquela espécie de audiência coletiva se prolongou até tardias horas da noite de domingo.

Na manhã de segunda-feira, data em que se comemorava o 2º aniversário da fundação do Templo São Pedro, naquela localidade, cerca de 200 pessoas, entre as quais inúmeras senhoras e senhoritas, se adensavam nas proximidades do pequeno templo, insuficiente para contê-las todas.

Às nove horas teve início o programa de festividades, com o hasteamento da bandeira nacional, após uma rápida exposição de seu simbolismo. O hino pátrio foi cantado por todos os presentes, sendo interessante registrar que, naquele povoado, nunca fora ele cantado em público e nem fora hasteado o pavilhão do Brasil.

Já, então, com a contínua chegada de fiéis procedentes, alguns, de locais situados a três e quatro léguas de distância, e mesmo de Rio Pardo e Ramiz Galvão e outros, o seu número ultrapassa 300. A cerimônia inicial foi rápida: Hasteada a bandeira e cantados os últimos versos do hino nacional, a multidão dirigiu-se para o local onde alguns gaúchos assavam um gordo churrasco, destinado ao almoço dos fiéis. (Correio do Povo, 15 de fevereiro de 1942)

Durante esses encontros, era comum que o povo se reunisse para ouvir e falar sobre as curas milagrosas que o professor Ugarte realizava. Diversas pessoas davam seus testemunhos, algumas de Porto Alegre, outras de Rio Grande e, em especial, de João Rodrigues. Ali residia a grande maioria dos curados pelo professor Ugarte. São casos como os seguintes, também registrados pelo repórter do jornal Correio do Povo:

Uma senhora, parálitica há mais de cinco anos, caminhou a um simples convite e há mais de dois anos trabalha incessantemente, sem a mais leve manifestação de sua antiga moléstia; outra, residente na Estação Engenheiro Pestana, nas proximidades desta capital, foi paciente de melindrosa intervenção cirúrgica, feita mediunicamente e goza de perfeita saúde.

E as narrativas se sucediam: Um cidadão, residente em João Rodrigues e recolhido ao Hospital São Pedro, onde estava há mais de um ano, foi levado ao Templo da Igreja Cristã Primitiva desta capital, à rua Clara, 327, de onde saiu completamente curado, instantaneamente. Outro, ainda, toma a palavra: "Meu filhinho estava mal. Os médicos não acertavam com sua moléstia. O Mestre chegou e ele ficou bom no mesmo momento. É este aqui".

Não havia como duvidar de coisa alguma. As provas estavam ali mesmo, ao alcance e até oferecendo-se à reportagem e só não publicamos as fotografias de diversos curados, porque, infelizmente, não permitiu um defeito surgido, no momento, na Kodak de que dispúnhamos. [...]

Demais, esses milagres não ocorreram no outro lado dos mares, mas aqui mesmo em Porto Alegre e em João Rodrigues, há quatro horas de viagem. Os descrentes podem "ver para crer", se o desejarem. (Correio do Povo, 15 de fev de 1942)

Como podemos perceber, além das comemorações pelo aniversário da implantação da Igreja Cristã Primitiva, a reportagem também colheu uma série de relatos de curas milagrosas efetuadas pelo professor Ugarte. Ao ler sobre a metodologia de pesquisa com jornais, especificamente o material produzido por Tânia Regina de Luca (2005), nos deparamos com

uma série de questionamentos a serem realizados frente a tais documentos. Obviamente, o repórter narrou aquilo que lhe contaram e o publicou de maneira a divulgar as ações de Ugarte. Não havia nesse momento um aval de um agente de saúde ou médico confirmando as curas. O fato é que aqueles que frequentavam os cultos se diziam curados de seus males. Cabe ressaltar a expressão que fecha a reportagem: “*Os descrentes podem "ver para crer", se o desejarem*”, um convite feito àqueles que se impressionavam com os fatos relatados pelo jornal e àqueles que tinham interesse em conhecer a Igreja Cristã Primitiva e seu líder o professor Ugarte.

Fato interessante a ser ressaltado é a informação de que, por defeito da câmera, nenhum dos pacientes curados pelo professor Ugarte, pôde ser fotografado, e nem foi feito o registro do nome completo do depoente. Loucura, milagre, uma grande mentira, independente da explicação, o que era verdade é que a seita não parava de ganhar adeptos.

#### **Imagem 5: Templo São Pedro – João Rodrigues**



Fonte: Jornal Correio do Povo, 15 de nov de 1942, p.10

Em 1944, a vida associativa da Igreja tomou um caráter mais intenso. Também mais intensa passou a ser a divulgação da doutrina através da imprensa. A reportagem publicada no Correio do Povo em 13 de fevereiro do mesmo ano, e intitulada “*A Fé na Doutrina da Igreja Cristã Primitiva Volta a Operar Centenas de Curas em João Rodrigues*”, tratava sobre as festividades que se realizaram no Templo São Pedro, em João Rodrigues, para onde o grande órgão da imprensa gaúcha destacou um repórter. Além de marcar as comemorações do aniversário da instituição, novamente o repórter colheu uma série de depoimentos sobre novas e importantes curas efetuadas pelo Espírito Santo por intermédio de Ugarte:

A reportagem teve oportunidade de assistir quarta-feira última, na localidade de João Rodrigues, 6º distrito do município de Rio Pardo, os festejos comemorativos da passagem do 4º aniversário da fundação, ali, do Templo São Pedro, que é uma ramificação da Igreja Cristã Primitiva, que tem sua sede nesta capital, instalada à rua General João Manoel, nº 327.

O professor Julio Ugarte y Ugarte, que proporcionou aos jornalistas uma viagem a João Rodrigues num dia de festa para os seus habitantes, não revela em sua simplicidade exterior a força psíquica de que é portador e com a qual conseguiu transformar uma série de situações embaraçosas de centenas de pessoas, agora livres de certos males que as infelicitavam. E o que o repórter pode ver e assistir em João Rodrigues, durante as horas que ali esteve, é o bastante para que pudesse formar um juízo seguro de que a atividade espiritual orientada e desenvolvida pelo Professor Ugarte y Ugarte somente tem proporcionado benefícios, que os contemplados sabem reconhecer.

Logo após a saída do trem, as quinhentas pessoas que ali se achavam seguiram para a residência do senhor Manoel Nunes, fazendeiro radicado em João Rodrigues há mais de 40 anos e considerado como o pioneiro da localidade. Por todo o trajeto da estrada até a casa do senhor João Manoel Nunes, distante meio quilômetro, mais ou menos, da gare da Viação Férrea, o Professor Ugarte ia recebendo manifestações dos moradores, que aguardavam sua passagem defronte suas residências. (Correio do Povo, 13 de fevereiro de 1944).

Após a chegada do professor e do repórter à comunidade, todos os fiéis foram convidados a participar de um almoço oferecido pelo senhor Manoel Nunes. Na parte da tarde se iniciaram os festejos em homenagem ao aniversário de criação do Templo São Pedro:

Às primeiras horas da tarde, tiveram início os festejos no "Templo São Pedro". A reunião foi aberta pelo professor Ugarte, que ali é conhecido como Mestre Espiritual da Doutrina da Igreja Cristã Primitiva. [...]

Por fim, antes de ser encerrada a reunião, o Mestre Espiritual realizou mais de cinquenta batizados, dentro do ritual da Doutrina. [...]

Em virtude do desenvolvimento que a Doutrina teve em João Rodrigues, onde a população em geral é orientada pelos ensinamentos dados pelo Chefe da Igreja Cristã Primitiva, o atual templo não comporta o grande número de fiéis que ali comparecem, pois chega a ficar do lado de fora mais da metade dos adeptos.

Por esse motivo, o Sr. João Manoel Nunes resolveu doar um terreno em campo de sua propriedade e situado nas proximidades de sua residência para nele ser construído o novo templo, que será todo de material. (Correio do Povo, 13 de fevereiro de 1944).

Como podemos observar na citação acima, o número de fiéis havia aumentado e o templo construído para abrigá-los havia se tornado pequeno, tanto que o senhor João Manuel Nunes estava prevendo a construção de um novo prédio, feito de alvenaria. Este prédio, no entanto, não chegou a ser construído.

Ao finalizar a matéria, o repórter registrou mais uma série de relatos de curas milagrosas realizadas pelo professor Ugarte. Desta vez, porém, as narrativas tinham o nome e o sobrenome dos beneficiados pelo poder de cura do professor: Vejamos:

[...] Começaram a aparecer à sua presença homens e mulheres que desejavam dar uma demonstração mais ampla de agradecimento ao Professor Ugarte pelas suas extraordinárias curas psíquicas. E, uma a uma, foram desfilando ante os olhos do repórter as pessoas que confessavam estar libertas dos males que tornavam suas vidas cheias de martírios. O repórter ouviu e anotou. Há momentos em que parece tudo

impossível. Mas as testemunhas, ou seja, as pessoas curadas é que estavam falando, fazendo questão de dar o nome e citar o mal de quem eram portadoras.

O senhor Ramiro Marques Pinto se "considerava morto". Seu coração não funcionava bem. Esteve desenganado. E hoje, segundo disse, é um homem que parece nunca ter adoecido em toda a sua vida.

D. Bertolina Dorneles da Silva também estava desenganada. Necessitava de uma operação. Mas com "fê e a vontade de Deus" ficou completamente curada e hoje trabalha na roça, coisa que não podia fazer há anos.

Maria Isabel Alves e Maria José de Oliveira sofriam do coração. Ficaram boas. João Francisco Micheles não podia caminhar. Sofria da espinha. "Hoje, meu amigo, tenho vontade de correr", diz ele. Juvenal Fagundes afirma que tinha ataque e "ficava como morto". Entrou para a Doutrina e depois nunca sentiu mais nada. [...]

(Correio do Povo, 13 de fevereiro de 1944)

Ugarte não ficava todo o tempo em João Rodrigues, de tempos em tempos, viajava para outras cidades onde existiam sedes da Igreja Cristã Primitiva. Aliás, é interessante destacar que, com os destaques dados pelo jornal Correio do Povo, o número de adeptos aumentou significativamente. Este fato, contudo, não passara despercebido aos olhos da Igreja Católica. Na época, o padre Thomaz Broggi, líder e defensor ferrenho do catolicismo, declarou guerra à seita de João Rodrigues e solicitou a construção de uma capela na localidade de João Rodrigues. Esse pedido ficou registrado em ata no Livro Tombo da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, datada de 1942:

Rio Pardo, 23-XI-1942

Capela no distrito de João Rodrigues

No distrito de João Rodrigues (estação João Rodrigues) irrompeu uma seita nefasta, intitulada a princípio seita da filosofia transcendental e, ultimamente Igreja Primitiva. Quebram crucifixos, imagens e santos e fanatizam o povo a ponto de velhas de cinquenta e mais anos se batizassem de novo. Um tal prof. Ugarte Y Ugarte, prestigiado por um coronel da Provisória (Artur Rezende) residente em Rio Pardo é o chefe da malsinada seita. Visitam, em grupo já fanatizado, famílias e famílias e com facilidade muitos católicos se deixam iludir. Para (ilegível) o grande mal, brevemente será dado começo a uma capela, sob a invocação de Santa Terezinha. Foi pensado já o terreno e (ilegível) e a Comissão conta com a bôa vontade do povo fiel. (Thomaz Broggi)<sup>16</sup>

O professor Vogt (2008, p. 9) refere os conflitos ocorridos entre o vigário e os seguidores da Igreja Cristã Primitiva e da maçonaria: "Ocorreram, por exemplo, no distrito de João Rodrigues, brigas com os seguidores da seita que ficou conhecida por quebra-santos. Além disso, havia divergências fortes com a maçonaria". Sem dúvida, a implantação da Capela de Santa Terezinha, há poucos metros da sede dos "quebra-santos", foi uma estratégia para aplacar o crescimento dessa seita. Sabe-se que a conclusão da obra da igreja, contudo, só ocorreu em 1945. Abaixo, temos uma das poucas imagens do padre Broggi e, posteriormente, a imagem da Capela Santa Terezinha na atualidade.

---

<sup>16</sup> Livro Tombo da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, Ata de criação da Capela Santa Terezinha. 23 de nov de 1942. (grifos do autor)

**Imagem 6: Padre Thomaz Broggi**



Fonte: VOGT, 2008, p. 15

**Imagem 7: Capela de Santa Terezinha – João Rodrigues**



Fonte: Acervo particular

O clima de instabilidade gerado por esses eventos entre católicos e cristãos convertidos alimentaram no professor Ugarte o plano de criar uma colônia de trabalho comunitário, que, com o tempo, se tornasse uma empresa autossuficiente. Sobre esse objetivo, o professor Vogt destaca:

A Sociedade de Filosofia Transcendental se espalhou por várias cidades gaúchas. Além dos aspectos religiosos, Ugarte tentou criar um grande projeto agrícola e industrial, que deveria tornar a comunidade autossuficiente. Inicialmente

prevista para ser implantada em Santa Catarina, a colônia acabou se viabilizando em Palmeira das Missões, em julho de 1947, por irmãos oriundos de Porto Alegre, João Rodrigues e Monte Alegre. Muitas famílias em João Rodrigues venderam suas terras para seguir o projeto de Ugarte. O trabalho foi árduo, na derrubada de matas, plantio de lavouras e construção de uma olaria. Mas em 17 de agosto de 1949, Ugarte morreu de repente. Sem o líder, a Colônia Agrícola e Industrial de Palmeira das Missões ruiu e em pouco tempo se extinguiu. (VOGT, 2008, p. 11)

Após ter conseguido o capital inicial, Ugarte viajou com destino a Palmitos, no Estado de Santa Catarina, onde foi informado da existência de grandes glebas de terras devolutas, cuja concessão de posse seria fácil obter do governo daquele Estado. Passando, entretanto, por Palmeira das Missões, ali se demorou a convite da administração municipal, interessada que a organização projetada se efetivasse naquela região, oferecendo todo o apoio e incentivos necessários.

Depois de longas demarcações, o Estado ofereceu uma vasta área de terra coberta por mata virgem e atravessada pelo rio Guarita, a cento e dez quilômetros da cidade de Palmeira das Missões. Esta área de terra, na época, pertencia aos municípios de Palmeira das Missões e Três Passos, hoje pertencentes aos municípios de Palmitinho, Pinheirinho do Vale e Vista Gaúcha. Fiel porta-voz dos feitos do professor Ugarte, o Jornal Correio do Povo noticiou a nova proposta do líder religioso na matéria intitulada: *“Obra de Colonização Agrícola no Município de Palmeira: Interessantes declarações ao ‘Correio do Povo’ do seu realizador, Professor Julio Ugarte”*:

Os trabalhos de colonização em Palmeira tiveram início a 10 de agosto do ano próximo passado, quando chegou àquele município a primeira turma de 22 homens, levando a maquinaria completa para a fabricação de telhas e tijolos, a ser estabelecida ali. Atualmente, temos oitenta famílias de agricultores e técnicos no novo distrito de Palmitinhos, na região do rio Guarita, em Palmeira, e no lado oposto, na outra margem desse rio, que corresponde ao município de Três Passos, perfazendo um total superior a quinhentas almas. A apenas uma distância de doze (12) quilômetros, se acham situadas as instalações da grande usina hidrelétrica que abastecerá de força e luz vários municípios, incrementando a fundação de novas indústrias nessas terras ubérrimas, como declarou o governador do Estado, sr. Valter Jobim, numa entrevista ao Correio do Povo, faz pouco tempo. [...]

O financiamento da comunidade de Palmitinhos é realizado por um grupo de adeptos, sendo a maioria dos colonos gente de precários recursos econômicos; porém, por convênio prévio, todos renunciaram a seus direitos em benefício de todos, daí que todos recebem iguais benefícios, ação esta digna do maior aplauso, numa época em que campeiam o egoísmo e o interesse pessoal. Destarte, a Comunidade proporciona quanto é preciso para a vida de todos os membros que dela fazem parte. [...]

Não podíamos deixar passar esta oportunidade sem nos referirmos aos representantes da Assembleia do Estado, drs. Hermes Pereira de Souza, Luciano Machado, Tarso Dutra, ao prefeito de Palmeira, dr. Pompilio Gomes Sobrinho, ao sr. Alarico Leite do Amaral e outras autoridades de Palmeira, como também, e principalmente, ao secretário da Agricultura, sr. Balbino de Souza Mascarenhas, e ao diretor de Terras e Colonização, sr. Artur Ambrós, cuja colaboração eficaz, seguindo o programa do governo da Nação, de incrementar a agricultura, contribuiu para a realização das obras que deixo expostas.



Finalmente, agradeço com toda a sinceridade as atenções do "Correio do Povo", que sempre se interessou e amparou todas as obras altruísticas, patrióticas e democráticas, seguindo o roteiro do seu fundador, o inolvidável jornalista Caldas Júnior. (Jornal Correio do Povo, 28 de julho de 1948)

Depois da inspeção, Ugarte aprovou a colonização naquele local e, então, a 17 de julho de 1947, o primeiro grupo de colonos, oriundos de Porto Alegre, de João Rodrigues e de Monte Alegre partiu para Palmeira das Missões. Em agosto do mesmo ano, já se encontrava no local o maquinário para a olaria, fabricada em Santa Cruz, pela firma Roberto Bins e Filhos, aumentando, deste modo, o patrimônio que contava, na época, com uma camioneta, um caminhão, uma locomóvel e apreciável quantidade de implementos e ferramentas agrícolas.

O período entre os anos de 1947 e 1948 foi todo dedicado ao intenso trabalho de organização da olaria, de exploração das margens do rio Guarita, de assentamento das famílias nas colônias do projeto agrícola, de derrubada de árvores e início de plantio. Muitos daqueles que se deslocaram entusiasmados para a colonização agrícola não resistiram à árdua prova a que estavam sendo submetidos e abandonaram a região. Outros, por não serem afeitos às lides da terra, também desistiram, sem, contudo, terem abandonado a doutrina que haviam abraçado.

Mas a ideia da colonização só alcançou em parte os objetivos pretendidos. Na manhã de 17 de agosto de 1949, Ugarte veio a falecer. Após este fato, a comunidade industrial localizada em Palmeira das Missões ruiu por completo. A olaria foi abandonada, restando no local apenas escombros do que foi o grande forno idealizado para queima de tijolos e telhas; a fábrica de cigarros, que geraria recursos e daria empregos a muitos operários, não saiu do papel e o maquinário já adquirido para diversas lides destruiu-se pela ação das intempéries. Enfim, restaram no local apenas ruínas do que prometia ser o começo de uma nova vida para muitos.

O corpo do professor Ugarte foi embalsamado em Palmeira das Missões e trasladado de automóvel a Porto Alegre. O féretro rumou para sua residência na capital, acompanhado pelos Irmãos Manoel Annes da Silva Sobrinho, Hipólito de Castro, Napoleão Oliveira de Castro, Gervásio Bueno dos Santos, Aldilau da Silva Machado e Germano Gaedke.

Na tarde do domingo, 21 de agosto de 1949, inúmeros discípulos e amigos se reuniram para uma visita final e, no dia seguinte, às dez horas, depois das cerimônias fúnebres realizadas no Templo São Paulo, seu corpo foi transportado, acompanhado de grande cortejo,

para o Cemitério Evangélico, nesta capital, e dado à sepultura no terreno doado para esse fim, pela Comunidade Luterana.

Após a morte de Ugarte, o Jornal A Batalha de Rio Grande escreveu uma nota póstuma enaltecendo os feitos do mestre da Igreja Cristã Primitiva:

O falecimento do professor Ugarte y Ugarte, pensador dos mais ilustres e presidente da Igreja Primitiva do Rio Grande do Sul, ocorrido em Palmeira, repercutiu dolorosamente na nossa sociedade. Embalsamado ali o seu corpo, foi trazido o mesmo para Porto Alegre, onde foram lhe prestadas as homenagens mais sentidas pelo grande número dos seus adeptos, amigos e admiradores.

O eminente extinto, oriundo de Peru, deixou, na sua longa e luminosa trajetória pelo Rio Grande do Sul, marcos dos mais relevantes de sua forte personalidade. Escreveu livros consagrados, fundou a Igreja Primitiva e, finalmente, criou a Colônia Guarita, no Município de Palmeira.

Seguindo os Santos Evangelhos, executou-os dentro das possibilidades, tornando-se, no decorrer dos anos, não somente um Apóstolo mas, um Mestre Espiritual por excelência, cujas palavras e atos pelo bem da Humanidade, o transformaram numa das figuras mais populares, queridas e beneméritas do Estado.[...].

Com a última viagem do preclaro e benemérito professor Julio Ugarte y Ugarte, perdeu a República do Peru um grande filho. O Rio Grande do Sul, um grande colaborador. O Brasil um grande amigo. E o mundo um Gigante do Bem e do Progresso.

Sua memória será sempre reverenciada com saudades. (Jornal A Batalha, 19 de set de 1949)<sup>17</sup>

Terminava assim, de modo praticamente inexplicável, o grande projeto alçado pelo professor Ugarte. Algumas famílias que migraram para Palmeira das Missões permaneceram na região, outras tantas voltaram para sua terra natal. Era o fim da colônia planejada por Ugarte e sonhada por todos aqueles que o acompanharam.

### **2.3 As narrativas sobre a Igreja Cristã Primitiva – Relatos e lembranças da ação do professor Julio Ugarte**

Fica, portanto, muito evidente que o fenômeno religioso faz parte da história da humanidade, desde os tempos mais remotos até a modernidade. É um fenômeno universal, individual, cultural e social. O homem é religioso por natureza. Faz parte de sua essência. (KUCHENBECKER, 1998, p. 16)

Envolver uma narrativa cujo tema refere-se ao religioso, não consiste em tarefa simples. Ainda mais quando trata-se de um tema que divide opiniões, como a existência da Igreja Cristã primitiva em solo rio-pardense. Há uma máxima de Braudel (1984), que trata da temporalidade dos eventos e do quanto eles demoram a serem modificados e, certamente, essa se aplica muito bem ao caso verificado em Rio Pardo. Deste modo, a presença e os efeitos gerados pelos feitos do professor Ugarte podem ser, no meu entendimento, definidos como

---

<sup>17</sup> Jornal A Batalha, 19 de set de 1949. Banco de Dados da Igreja Cristã Primitiva

eventos de longa duração arraigados à mentalidade daqueles que presenciaram ou ouviram falar das pregações da Igreja Cristã Primitiva nessa cidade.<sup>18</sup>

Recentemente, foi lançado um livro intitulado “Apenas um adeus”, de autoria de Francisco Pereira Rodrigues, que narra as perseguições impostas aos seguidores dos ensinamentos de Ugarte na vila de Santo Amaro. Trata-se de um romance, porém, o interessante é que em pleno século XXI, a imagem das humilhações, perseguições e críticas realizadas pela comunidade católica e demais instituições formais aos seguidores da seita, denominada pejorativamente “quebra-santos”, ainda se fazem notar.

Em conversa com moradores de João Rodrigues e de Rio Pardo, em sua maioria, idosos, alguns que frequentaram a igreja e outros que nem sequer compareceram aos seus cultos, as lembranças divergem. Há um misto de casos, de insucessos, principalmente, daqueles que foram para o município de Palmeira das Missões, que confluem para a divisão de opiniões sobre os temas. Estas entrevistas foram fundamentais para o desenvolvimento do terceiro tópico deste trabalho. Esclarecemos que outras pessoas foram também entrevistadas, porém muitas das respostas se repetiam; já os nomes foram incluídos com a permissão dos depoentes. As imagens e documentos que inserimos no trabalho foram cedidos pelos entrevistados, sendo também permitida a sua utilização. As entrevistas ocorreram entre os períodos de novembro de 2015 e setembro de 2016.

Também foram realizadas conversas com religiosos representantes da Igreja Católica e pesquisadores da história do município de Rio Pardo. Além desses representantes, também foram ouvidas algumas pessoas que ainda frequentam a Igreja Cristã Primitiva, instituição presente em diversos municípios do estado do Rio Grande do Sul, mas não mais em Rio Pardo.

Um dos elementos que chamou a atenção a partir da realização das pesquisas foi o perfil dos frequentadores da Igreja. Nos movimentos religiosos ocorridos no estado e no país no século XIX e XX há menção ao caráter aglutinador de massas empobrecidas junto a um líder religioso que os reúne com objetivo de minimizar as mazelas enfrentadas pelos mesmos. No caso dos frequentadores da Igreja Cristã Primitiva, ocorre a participação de diferentes grupos sociais, desde fazendeiros, políticos (inclusive, de um ex-intendente de Rio Pardo), nomes de famílias importantes e tradicionais do município em questão e, obviamente, os grupos menos favorecidos economicamente.

---

<sup>18</sup> BRAUDEL, Fernand. *O mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II*. Martins Fontes, 1984. 1 ed.

Sobre a participação de determinados grupos sociais em certos movimentos religiosos ao longo da história do Brasil, Rui Facó faz uma interessante reflexão sobre a revolta de Canudos:

Acreditamos, ao contrário, que os fenômenos de misticismo e messianismo, que se convencionou chamar de fanatismo, disseminados pelos sertões em nosso passado ainda recente, têm um fundo perfeitamente material, e servem apenas de cobertura a este fundo. É a sua exteriorização. Em populações submetidas à mais ignominiosa exploração e mergulhados no mais completo atraso, sob todos os aspectos, a razão estava obscurecida e transbordavam aos sentimentos em estado de superexcitação. (...) Ao elaborarem variantes do cristianismo, as populações oprimidas do sertão separavam-se ideologicamente das classes e grupos que as dominavam, procurando suas próprias vias de libertação. As classes dominantes por sua vez tentando justificar seu esmagamento pelas armas - e o fizeram sempre - apresentavam-nos como fanático, isto é, insubmissos religiosos e extremados e agressivos. (FACÓ, 1965, p. 9-10)

Este, talvez, seja um aspecto que, ao mesmo tempo que difere, aproxima a seita dos “quebra-santos” das demais insurreições religiosas presentes na história do Brasil. Aproxima, na medida em que falamos de populações, geralmente isoladas e distantes de recursos básicos, como formação educacional e saúde, daí a necessidade de buscar na fé e nos milagres a cura para as suas mazelas. E também há distinções em relação às formas de represália sofridas pelos seguidores da Igreja Cristã Primitiva das demais seitas surgidas no nosso estado. Não tivemos ataques policiais, nem mortes, mediante o uso da força pelas instituições oficiais de poder. Outra estratégia de desmantelamento foi utilizada, a do silenciamento, até chegarmos ao esquecimento do fato.

Michael Pollak, porém, ressalta esse confronto entre o que ele denominou de memórias subterrâneas e a memória oficial. O autor destaca que através da história oral, essas lembranças ressurgem, principalmente, em momentos de crise. O autor salienta que muitas dessas memórias são transmitidas de geração para geração e que o silêncio longe de conduzir ao esquecimento se constitui numa forma de resistência frente aos discursos oficiais. Vejamos:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade. [...] Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes. [...]

Este exemplo mostra também a sobrevivência durante dezenas de anos, de lembranças traumatizantes, lembranças que esperam o momento propício para serem expressas. A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra

oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas. (POLLAK, 1989, p. 3)

É verdade que muitos hesitam em falar sobre a seita dos “quebra-santos” de João Rodrigues. Outros, porém, não se incomodam em relatar aquilo que sabem sobre o fato. Exemplo disso é o senhor Arthur Rezende de Castro, neto de um dos principais seguidores da Igreja Cristã Primitiva que cita:

Meu avô atuou como político em João Rodrigues, ele foi Intendente de Rio Pardo, além de atuar como chefe da Guarda Provisória de Rio Pardo e possuir Cartório de Imóveis na cidade de Rio Pardo e um cartório civil em João Rodrigues. A família morava próximo a Escola Virgília Rezende, na subida antes da bailanta do seu Guilherme. Entre um açúde que havia atrás da casa que a família residia e a escola Virgília Rezende encontrava-se um antigo forno, no qual as imagens de santos eram queimadas. (11 de maio de 2016)

O mesmo senhor também refere a questão da não aceitação de imagens de santos por parte dos seguidores da Igreja Cristã Primitiva e ressalta: “Quando meu avô via um santo em algum lugar, ele colocava a imagem de costas”. Ele relata, ainda, qual era a ação dos seguidores de Ugarte: “A seita Quebra-santo pregava a adoração apenas de Cristo, por isso não era permitido o culto a santos, isso era algo novo em comparação à católica”. Para completar, ele ressalta uma lembrança daquela época: “Não podia se falar em santos em casa”.

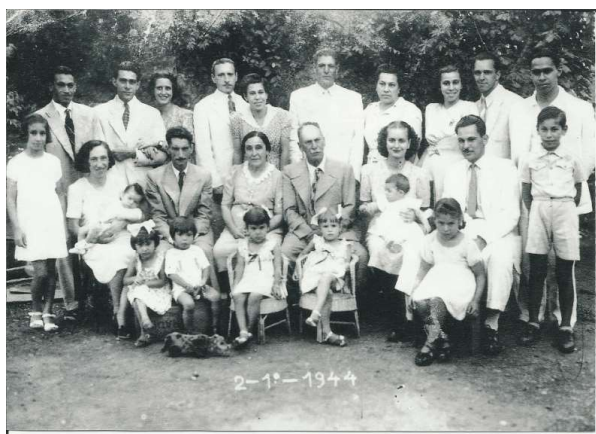
O senhor Arthur também narra um fato interessante referente à inimizade entre o avô Artur Taurino de Rezende e o padre da Igreja Matriz Thomaz Broggi:

“Meu avô era inimigo dos padres. Ele e o padre Broggi não se davam, tanto que ele se converteu ao catolicismo somente pouco tempo antes de falecer foi então que ele pode casar e nós também. Quem arrumou para ele se converter foi a minha tia dona Marina de Quadros Rezende. Ele se converteu com presença do padre Mascarellos, padre da viação férrea.”

Importante frisar o nome do vigário Thomaz Broggi. Para os católicos, ele representou um padre reverenciado por reerguer o catolicismo quase esquecido em Rio Pardo, para os seguidores da seita de Ugarte um verdadeiro inimigo. O padre Thomaz Broggi foi vigário da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, de Rio Pardo. Natural da Sicília (Itália), ele chegou ao Brasil com 37 anos. Veio como missionário, no início do século 20, para atender os imigrantes italianos de São Paulo. Por razões de saúde, recebeu aconselhamento médico para residir no Sul do Brasil. Conforme VOGT, (2008, p. 9), ele assumiu a Paróquia de Nossa

Senhora do Rosário em 1914 e, já nas primeiras celebrações, conquistou o povo rio-pardense. O vigário Broggi e o senhor Arthur Taurino de Rezende eram inimigos declarados.

**Imagem 8: Família Rezende, ao centro sentados o senhor Arthur Taurino Rezende e sua esposa – foto realizada em João Rodrigues em 1 de fevereiro de 1944.**



Fonte: Arquivo particular de Arthur Rezende (neto de Arthur Taurino de Rezende)

De acordo com a senhora Erna Maria Wunderlich, moradora de Rio Pardo, o padre Broggi reergueu a igreja Católica em Rio Pardo. Ele possuía diferentes estratégias para conquistar os fiéis a participarem das missas na matriz. Com uma bola e um cachorrinho, em frente à igreja, na praça, convidava os meninos a jogarem uma partida de futebol e a brincarem com o pequeno animalzinho. Após uma partida e outra, o padre combinava com os meninos que, somente emprestaria a bola para uma nova partida, se ambos fossem com seus pais à missa toda semana. Era comum também ver o padre no conhecido *Café Gaúcho*, no centro da cidade. Todos os dias à tardinha ele seguia para o café a fim de conversar e se aproximar da população rio-pardense.

O padre Broggi empreendeu verdadeira luta contra os seguidores da Igreja Cristã Primitiva e sua principal ação foi mandar construir a capela de Santa Terezinha em João Rodrigues, em um local próximo da Igreja Cristã. Observe a imagem obtida através do *software Google Earth*:

**Imagem 8: Localização da Igreja Cristã primitiva em relação a capela Santa Terezinha**



Fonte: *Software Google Earth*

Em 1943, foi lançada a pedra fundamental da Igreja com a realização da Primeira Eucaristia de várias crianças da comunidade, entre elas, a da senhora Elena Nair Leite. A mesma relatou que seus familiares sempre se mantiveram fiéis à doutrina católica. Na imagem abaixo, pode-se ler a seguinte frase: “No local da Igreja de Santa Terezinha” e a assinatura do Padre Broggi. Dona Elena relatou que foi realizada uma missa campal e, depois da realização da comunhão dos fiéis, o padre abençoou a todos os presentes e, inclusive, a pedra que marcava o início da construção do templo. A obra foi concluída no ano de 1945. Com a construção da capela, muitos moradores de João Rodrigues se reconverteram ao catolicismo.

**Imagem 6: Lembrança de Primeira Eucaristia de Elena Leite – 20 de novembro de 1943**



Fonte: Acervo particular de dona Elena Leite

Com a construção da capela, um braço da Igreja Católica havia se estendido a João Rodrigues, os ânimos se exaltavam, uma vez que se formaram dois grupos distintos: os católicos e os seguidores do cristianismo primitivo. Os apelidos e ataques começaram a ocorrer, os cristãos eram chamados de “quebra-santos” e “batuqueiros”. Por sua vez, o padre católico não chegava em João Rodrigues sem ser acompanhado. Geralmente, alguns membros da comunidade iam encontrá-lo na ponte do arroio Diogo Trilha para conduzi-lo à capela. Eram os chamados “corvos”, devido ao vestuário usado pelo padre. Esse relato foi feito pelo senhor Euclides Rodrigues, que completou neste ano seus noventa anos. Sobre esta designação expressada pelo seu Euclides, cabe uma reflexão acerca do olhar etnocêntrico:

Ao mencionar etnocentrismo quero reforçar a dimensão política desta reflexão. O etnocentrismo é aquela distorção visual que nos impede de adequar nossos olhares ao que deve ser visto como o outro diferente, mas digno do respeito. Etnocentrismo, portanto é um olhar que desqualifica o outro ao mesmo tempo em que coloca o que olha no centro de um universo qualquer excludente. (DICKIE, 2002, p. 106)

Há conceitos que imprimem características que desqualificam o outro, muitas vezes, sem a compreensão dos reais acontecimentos ou do sentido verdadeiro dos fatos. A ideia da divergência entre os dois grupos religiosos utilizava-se da crítica e do menosprezo em relação às ações de cada grupo.

Seu Euclides ainda nos relata sobre os dias de reunião dos “quebra-santos”: “eles se encontravam toda quarta-feira e aos sábados à tarde.” Em alguns sábados, ocorriam festejos com baile, porém, só podiam participar os seguidores da seita, os católicos eram proibidos de entrar, o que revoltava o seu Euclides que, sendo rapaz, queria participar da festividade.

Seguindo com o relato de seu Euclides, o fato de boa parte de a comunidade ter seguido a doutrina defendida por Julio, era o despreparo da comunidade e a falta de informação, muitos membros de sua família aderiram ao movimento, inclusive, um de seus irmãos e um tio, que vendeu todas as suas terras e foi para a região das Missões. Com a morte de Ugarte, muitas famílias se viram sozinhas e retornaram para João Rodrigues. Entre eles, o tio do seu Euclides, que de proprietário de uma área considerável de terra, passou a morar de favor na propriedade do pai do seu Euclides. Isso foi extremamente humilhante, não só para esta família, mas para várias outras que tiveram de retornar à localidade de mãos abanando.

Seu Euclides ainda relata: “Julio Ugarte percebeu, com a criação da Igreja Católica, que não teria mais o domínio que tivera em outros tempos em João Rodrigues, por isso incentivou seus seguidores a venderem as terras e migrarem para a região de Palmeira das Missões.” Sobre o dia da partida das famílias seu Euclides cita: “As famílias foram para a serra de trem, embarcaram na estação de João Rodrigues, veio até vagão especial para levar



todas as famílias.” O que ninguém imaginava era a situação que eles viveriam naquelas terras, alguns esperavam a noite e fugiam, arrependidos e terem deixado suas terras, tudo que tinham para trás, conta seu Euclides.

Essa informação também foi citada pelo seu Afonso Bastos Pereira, que lembra do dia em que cinquenta famílias venderam suas propriedades para seguir Julio Ugarte até Palmeira das Missões. “Foi o dia mais movimentado da estação daqui. Na época eu tinha dez anos. Me contaram que muitas pessoas morreram por lá, antes mesmo de começarem a trabalhar, porque não eram bem tratadas.”

A professora Silvia Barros, grande conhecedora da história de Rio Pardo, lecionou em uma das escolas de João Rodrigues até os anos 2000. Ela nos conta a surpresa que teve quando, ao realizar um trabalho de pesquisa sobre os fatos marcantes da comunidade, ouviu de seus alunos relatos sobre seus avós que participaram da seita e que, desde a época do rompimento com o catolicismo, não frequentavam mais a Igreja da comunidade. Até então, nunca havia chegado à ela, qualquer informação sobre a seita de Júlio Ugarte.

Outro entrevistado, seu João Milton Santos, pouco antes de falecer, comentou que ele, juntamente com a família, chegou a mudar-se para Palmeira das missões. E referiu o trabalho que tiveram para desmatar a área de mata, o trabalho penoso para construir a casa durante o dia e proteger a família das feras à noite. Referiu o trabalho na olaria e elogiou a fertilidade da terra, na qual tudo que se plantava produzia muito bem. Seu João voltou para o distrito de João Rodrigues, mas muitos de seus parentes vivem em Palmeira das Missões e seguem a doutrina da Igreja Cristã Primitiva, sendo que um de seus sobrinhos é líder religioso da igreja.

De acordo com seu Eli Bernardes, com a saída dos seguidores de Julio Ugarte Y Ugarte de João Rodrigues, o templo foi destruído e a madeira foi utilizada para a construção de um salão de bailes. “Meu pai até comemorou no dia em que demoliram o prédio daquela igreja”. Contou seu Eli.

Diante da informação de Seu Santos, cabe a pergunta: como se organiza a Igreja Cristã na atualidade? De acordo com alguns seguidores, as reuniões continuam ocorrendo nas quartas-feiras à noite e aos sábados à tarde. Nas reuniões são feitas leituras dos ensinamentos de Ugarte e hinos são cantados. Os tempos passaram, mas os objetivos do professor Ugarte ainda seguem sendo respeitados e levados em frente.

Um fato interessante a ser destacado é que de todos que foram convidados a falar sobre a Igreja, apenas uma senhora não quis comentar sobre sua participação na Igreja Cristã Primitiva. Posteriormente, em outras entrevistas, o caso veio à tona e uma das entrevistadas acabou mencionando que esta mesma senhora pertencia à Igreja dos “quebra-santos”, porém

com as ferrenhas críticas do padre Broggi, principalmente nas missas e o insucesso da colônia agrícola em palmeira das Missões, a família acabou se convertendo ao catolicismo e a mesma teve de se batizar já adulta, diante de toda comunidade católica que acompanhava a missa. Provavelmente esse fato foi traumático, tanto que, atualmente, esta senhora é uma das mais atuantes em prol das ações da Igreja Católica.

Para finalizar as descrições que obtivemos através das entrevistas, torna-se interessante destacar o caso relatado por Valda Gaedke. Um de seus tios, Germano Gaedke acabou convertendo-se à seita da Igreja Cristã Primitiva e, com o fim do sonho da Colônia Agrícola, ele acaba acompanhando o traslado do corpo do professor Julio até Porto Alegre e, posteriormente, até o cemitério. Após este envolvimento, o tio Germano calou-se e ficou aproximadamente dez anos sem conversar com ninguém.

Quanto às memórias que ainda persistem sobre a Igreja Cristã primitiva em João Rodrigues, é válido destacar a afirmação de Jacques Le Goff, que salienta a memória como elemento essencial para a identidade coletiva e individual de um grupo:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 1990, p. 476)

Neste trabalho, procuramos não sobrepor os fatos e nem os hierarquizamos. A ideia de fazer falar personagens silenciados, como os que contribuíram neste trabalho, visou apenas ampliar ainda mais as informações sobre nosso passado, nossa história e, conseqüentemente, sobre nossa própria identidade.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Desenvolver um trabalho sobre um evento sobre o qual pouco ainda foi escrito é um grande desafio. Escrever sobre um religioso e curandeiro a partir das memórias de quem com ele conviveu é um desafio maior ainda, pois lidamos com as memórias e com as histórias de vida daqueles que viveram ou ouviram falar sobre as realizações de personagens como o professor Julio Ugarte Y Ugarte.

A iniciativa desta pesquisa surgiu há alguns anos atrás, quando ouvi os relatos de alguns familiares sobre as viagens de trem que realizavam. Junto dessas memórias, também foi retomada a chegada de um líder religioso de nome meio engraçado e que em pouco tempo

conquistou boa parte da população de João Rodrigues. Que estranho poder uma pessoa de aparência simplória e inocente poderia exercer sobre centenas de fiéis que se apertavam entre as paredes do templo São Pedro para ouvi-lo? Seriam motivados pela esperança, em uma vida melhor, seriam ingênuos enganados por um canalha? Como definir tais acontecimentos?

Bem, de início as informações divergiam e, mesmo com as conversas e leituras, ainda não pode-se dizer que temos todas as respostas a estes questionamentos. Acredito que nunca as tenhamos. O certo é que ter podido ouvir os relatos daqueles que comungaram com os preceitos da seita dos “quebra-santos” nos possibilitou uma experiência inigualável, pois permitiu conhecer mais sobre a história do distrito de João Rodrigues, uma localidade que, num tempo assim não tão distante, assistiu a retaliações feitas àqueles que adotaram uma religião diferente ou simplesmente acreditaram em uma vida melhor, observando os preceitos de Cristo.

Espera-se que, mais do que uma mera pesquisa, esse trabalho possibilite uma maior abertura à discussão sobre as diferentes formas de crenças que constituem nossa sociedade e sobre o espaço que lhes é efetivamente concedido e sobre a intolerância, isto é, agressões e ações depreciativas que costumam se associar às manifestações e expressões dos credos religiosos, que tanto mal tem causado à Humanidade. Encerramos esse trabalho, fazendo uso das palavras de Le Goff (1990, p. 477): “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens.” Esse foi também um dos objetivos desse trabalho, ao tentarmos dar visibilidade a um evento e a personagens que foram alvo da condenação e condenados ao esquecimento por muitos.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

Biblioteca da Unisinos – Cidade de São Leopoldo. Acervo de Coleções Especiais. Jornal Correio do Povo, 23 de nov. de 1941.

Biblioteca da Unisinos – Cidade de São Leopoldo. Acervo de Coleções Especiais. Jornal Correio do Povo, 15 de fev. de 1942.

Biblioteca da Unisinos – Cidade de São Leopoldo. Acervo de Coleções Especiais. Jornal Correio do Povo, 13 de fev. de 1944.

BRAUDEL, Fernand. *O mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II*. Martins Fontes, 1984. 1 ed.

DICKIE, Maria Amélia Schmidt. Messianismos na América Meridional. In: DREHER, Martin N. *500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional*. Porto Alegre: Est Edições, 2002. P. 105-114.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

FLORES, Moacyr. História do Rio Grande do Sul. 3. ed. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1990.

HERMANN, J. História das religiões e religiosidades. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 329-352.

KARSBURG, Alexandre. *O Eremita das Américas: a odisseia de um peregrino italiano no século XIX*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2014.

KUCHENBECKER, Valter. O homem e o sagrado: A religiosidade através dos tempos. Canoas: Ed. da ULBRA, 1998.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. [et al.] – Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

Livro Tombo da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, Ata de criação da Capela Santa Terezinha. 23 de nov de 1942.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

*Origem e trajetória do Correio do Povo se entrelaçam com a história do Rio Grande*. Disponível em: <http://www.cpovo.net/jornal/especiais/cpespecial/PDF/Fim08.pdf>. Acesso em 29 de set de 2016

PELLISTRANDI, Stan-Michel. *O cristianismo primitivo*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1978.

PEREIRA, André; WAGNER, Carlos Alberto. *Monges Barbudos & o massacre do Fundão*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Trad. Dora Rocha Flaksman. Disponível em: [http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf). Acesso em 14 de jul de 2016.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. Cidades e Sociabilidades (1822-1889). In: PICCOLO, Helga Iracema Landgraf e PADOIN, Maria Medianeira (Orgs.). *Império*. Volume 2. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 423-445. [Coleção História Geral do Rio Grande do Sul].

REZENDE, Marina de Quadros. *Rio Pardo – História, Recordações, Lendas*. Rio Pardo, 1993. 3º ed.

Ugarte, Julio Ugarte y [Carta] 17 de out. 1940, Rio Grande [para] Manoel Annes da Silva Sobrinho, Porto Alegre. 1 p. Solicita documento do Banco de Dados da Igreja Cristã Primitiva

VOGT, Olgário (coordenador) *Rio Pardo, 200 anos, uma luz para a história do Rio Grande*. Santa Cruz do Sul: Gazeta do Sul, nº 9, nov. 2008.